



Aproximações à situação de crianças durante a pandemia de Covid-19 no Distrito Federal brasileiro

Approaching the situation of children in the context of the Covid-19 pandemics in the Brazilian Federal District

Abordajes a la situación de niñas y niños durante la pandemia de Covid-19 en el Distrito Federal brasileño.

Maria Lidia Bueno Fernandes¹

Professora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Brasília/DF, Brasil

Diego Barrios Diaz²

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Brasília. Brasília/DF, Brasil

Recebido em: 01/02/2022

Aceito em: 03/05/2022

Resumo

Este artigo se propõe a investigar como crianças se sentem impactadas diante do contexto pandêmico a partir de suas falas, desejos e posicionamentos. Para isso, apresenta expressões das crianças e outros dados produzidos, a partir de uma consulta *on-line* realizada com crianças de diferentes regiões do Distrito Federal. O desenvolvimento teórico da investigação se dá dentro de referenciais que compreendem a criança enquanto sujeito social, histórico e político. A pesquisa mostra um panorama da experiência de crianças em diferentes contextos de confinamento. Por fim, o artigo busca estimular outras pesquisas sobre os reflexos causados pela pandemia de coronavírus na rotina de crianças, apontando a necessidade de uma escuta sensível dessas crianças, não só por demonstrarem inseguranças e medos frente a esse panorama, mas por serem agentes protagonistas desse cenário, que possuem desejos, sonhos e preocupações com o futuro do território em que vivem.

Palavras-chave: Infâncias. Covid-19. Pesquisa com crianças.

Abstract

This article proposes to investigate how children feel impacted in the face of the pandemic context. For this, it presents expressions of the children and other data produced based on an online consultation carried out with children from different regions of the Brazilian Federal District. The theoretical development of the investigation takes place within references that understand the child as a social, historical and political subject. The research

¹ mlidia@unb.br

² dub.diego@gmail.com

shows an overview of the experience of children in different contexts of confinement. Finally, the article seeks to stimulate further research on the reflexes caused by the coronavirus pandemic in children's routine, as well as the sensitive listening of these children. Not only because they demonstrate insecurities and fears in the face of this scenario, but because they are protagonists in this scenario, who have desires, dreams and concerns about the future of the territory they live in.

Keywords: Childhoods. Covid-19. Research with children.

Resumen

Este artículo se propone a investigar de que maneras niñas y niños se sienten impactados por el conexto pandémico a partir de sus expresiones, deseos y posicionamientos. Para eso, presenta expresiones y otros datos producidos a partir de uma consulta online realizada com niños y niñas de distintas regiones del Distrito Federal brasileño. El desarrollo teórico de la investigación discute referenciales que comprenden los niños como sujetos sociales, históricos y políticos. La investigación muestra um panorama de la experiencia de niños y niñas en diferentes contextos de confinamiento. Por fin, el artículo busca estimular la investigación sobre los reflejos causados por la pandemia del coronavirus em las rutinas de niños y niñas a partir de uma escucha sensible, que los considere agentes protagonistas de este escenario, com sus deseos, sueños y preocupaciones com el futuro del território donde viven.

Palabras clave: Infancias. Covid-19. Investigación com niños y niñas.

Introdução - Por que escutar crianças é essencial neste momento?

Somos culpables de muchos errores y muchas faltas,
Pero nuestro peor crimen es abandonar a los niños,
Olvidando la fuente de vida.
Muchas de las cosas que necesitamos pueden esperar.
Los niños no.
Justo ahora es el momento en que sus huesos se están formando,
Su sangre se está elaborando
Y sus sentidos siendo desarrollados.
A él no podemos responder "Mañana".
Su nombre es "Hoy"

Gabriela Mistral – Su Nombre es Hoy

A poeta chilena Gabriela Mistral nos inspira com suas palavras e nos lembra que a criança não se reduz a um projeto de futuro, mas constitui uma realidade concreta no presente. Suas demandas devem sair de um lugar de invisibilidade, e nós, adultos, devemos estar comprometidos com a escuta do que as crianças trazem para o mundo. Concordamos com Marta Muñoz (2020) que é imperativo escutar as crianças em suas múltiplas perspectivas e posições diante do confinamento em função da pandemia de Covid-19.

Este artigo se propõe a investigar como crianças se sentem impactadas diante do contexto pandêmico a partir de suas falas, desejos e posicionamientos. Para isso, apresenta expressões das crianças e outros dados produzidos, a partir de uma consulta *on-line* realizada com crianças de

diferentes regiões do Distrito Federal, no âmbito da pesquisa **Geografia do Confinamento: como vivem as crianças e jovens do Distrito Federal em tempos de isolamento e distanciamento social por ocasião da pandemia de COVID-19?**

Inseridas dentro das estratégias de isolamento social, as políticas de fechamento das escolas ocorreram em função de diretrizes do campo biomédico que orientaram o confinamento como forma de atenuar a disseminação do vírus. Conquanto tenha se constituído como uma decisão central no esforço de controle da doença, pouco foi debatido, em termos de estratégias e ações concretas de autoridades, sobre a necessidade de dar atenção especial às crianças e à garantia de seus direitos em um cenário de vulnerabilidades. Relatórios da ONU³ e pesquisas acadêmicas⁴ cada vez mais avançam na escuta de crianças, evidenciando os impactos e os desdobramentos das condições sociais e emocionais das crianças em função do tempo em isolamento. Além disso, a perda de familiares e outras consequências diretas e indiretas do vírus se apresentam como desafios reais na vida de muitas delas.

O reconhecimento das crianças como um grupo social amplamente afetado pela pandemia impõe o desenvolvimento de um raciocínio que compreenda suas perspectivas sobre o problema, sobre suas perdas e também sobre possibilidades imaginadas e encontradas diante dos desafios vividos. Nesse sentido, torna-se fértil um saber construído a partir das crianças, em um exercício de aproximação sensível às suas realidades.

Podemos, então, neste entendimento, reconhecer as vozes das crianças e seu valor heurístico para a compreensão de processos históricos que vivemos como sociedade. Mais que isso, é o reconhecimento de que a participação de crianças é fundamental para a construção de uma vida cidadã. Há um sentido político e epistêmico nessa abordagem proposta. Tal aproximação tem implicações teóricas e metodológicas: precisamos escutar as crianças para, assim, orientar a nossa discussão e entender os pontos relevantes de suas experiências.

O desenvolvimento teórico da investigação se dá dentro dos marcos referenciais que compreendem a criança enquanto sujeito que vive relações sociais geradoras de um processo de produção da cultura e não como resultado dela. Isso será articulado ao entendimento de que a espacialização é um aspecto relevante para a configuração dos processos de constituição da criança enquanto sujeito do cotidiano. É fundamental pensar que as relações com o meio estão na base do

³ Covid-19 e desenvolvimento sustentável. Avaliando a crise de olho na recuperação. Brasília, 2021.

⁴ Entre outros que serão apresentados ao longo do texto, ver Melel Xojobal A.C. ¿Cómo viven las niñas, niños y adolescentes de San Cristóbal de Las Casas, Chiapas la pandemia del Coronavirus? San Cristobal de las casas, 2020.

desenvolvimento das crianças enquanto sujeitos sociais.

Nossa proposta é contribuir para a perspectiva de que as crianças, entendendo os impactos que a pandemia causa em suas condições de vida e de socialização, devem ter o direito de dizer o que gostaram e o que não gostaram, que desejos, expectativas e alternativas se apresentam em suas experiências. A questão principal aqui não é ampliar o saber científico sobre a criança, mas aprender a olhar para o mundo desde onde a criança o faz. É desde esse ponto de vista ético que sustentamos nossas considerações e análises a seguir.

A pesquisa, realizada em 2020 por pesquisadoras e professoras da UnB, com origens em diferentes áreas do conhecimento, teve como proposta mapear a realidade dessas crianças observando diferentes questões - estruturais, emocionais, familiares e escolares - assim como buscar entendimento sobre os significados que elas têm dado à presente situação, conforme sua distribuição territorial. O conteúdo do artigo inclui uma breve discussão acerca da literatura publicada sobre o tema, destacando experiências de pesquisa nos campos nacional e internacional. Em seguida, elabora reflexões teóricas que fundamentam a exposição das análises construídas a partir de expressões das crianças.

O que diz a literatura recente?

Ao considerar o quadro pandêmico e o ineditismo do desafio de fazer pesquisa nessa conjuntura, há uma interrogação quanto a ouvir as crianças em um cenário de vulnerabilidade. É necessário, no entanto, estimular práticas de investigação que permitam compreender as experiências e as perspectivas infantis, situando-as em seus espaços e tempos e abrindo pontos de diálogo e encontro para ouvir os problemas que enfrentam, seus desafios, medos, expectativas e sonhos.

Pensando especificamente o caso brasileiro, Tebet, Abramowicz e Lopes (2021) destacam que a pesquisa com crianças neste momento aporta para a compreensão de como a pandemia gera efeitos e impactos para uma pluralidade de infâncias em um contexto excludente, marcado por desigualdades e perda de direitos. Entender as condições sociais e geográficas das crianças e como esses aspectos configuram diferentes experiências diante da pandemia demanda o desenvolvimento de dispositivos e abordagens políticas de atenção às infâncias.

Identificamos uma série de produções e pesquisas com crianças em contextos de confinamento marcados por condições históricas, geográficas e sociais próprias. As produções, que se situam nas fronteiras de diferentes campos científicos e referenciais teóricos, foram destacadas, pois constituem

práticas de pesquisa baseadas no compromisso ético e político com os direitos das crianças. Em distintos lugares, há mobilizações de grupos de pesquisa no sentido de abordar a pandemia como contexto relevante para pensar diferentes infâncias, realidades geográficas e culturais e a configuração de trajetórias distintas.

Destacamos, em primeiro lugar, uma experiência brasileira, a pesquisa **Infância e pandemia na região metropolitana de Belo Horizonte: primeiras análises**, de Isabel de Oliveira e Silva, Iza Rodrigues da Luz e Levindo Diaz Carvalho (2021), que aporta análises com base em dados e expressões (falas, desenhos) das crianças para evidenciar seus contextos sociais, econômicos e geográficos e suas vivências durante o confinamento e o fechamento das escolas. Há uma preocupação central com crianças que se encontram em situações de vulnerabilidade e a pesquisa busca entender também de que maneiras o fenômeno pandêmico compromete ainda mais as condições de vida e o acesso a direitos de crianças que habitam a cidade de Belo Horizonte.

Identificam-se semelhanças metodológicas entre essa pesquisa e a nossa, considerando que o processo de investigação teve de ocorrer remotamente, resultando no uso da internet e de aplicativos para viabilizar o contato com famílias e crianças dispostas a integrar a investigação. Esse cenário impõe restrições, considerando que muitas crianças e suas famílias têm menos condições de acesso a equipamentos de acesso à internet, além de muitas crianças não terem acesso algum a tecnologias de comunicação virtual. Essa pesquisa da UFMG mostra como as crianças se posicionam com consciência sobre suas condições de vida, seus direitos e responsabilidades, como o cuidado com o isolamento social.

Ainda dentro do Brasil, trazemos os exemplos dos seguintes dossiês: Zero a seis v. 22 n. Especial (2020): Dossiê Especial: As crianças e suas infâncias em tempos de Pandemia. E outro mais recente da mesma revista: Zero a seis. v. 23 n. Especial (2021): Dossiê Especial: Educação infantil em tempos de Pandemia. Florianópolis.

Dentro da América Latina, enfatizamos o trabalho “Infancias, voces y esperanzas ante el confinamiento del Covid-19 en México”, de Patricia M. Melgarejo e Roberto S. Linares (2021). Esse livro enfoca diretamente as elaborações de crianças indígenas do México diante da pandemia. Importante observar como o trabalho amplia a percepção dos impactos do problema pandêmico a partir de um entendimento de saúde que articula corpo, práticas culturais, memória, identidade e território.

A pesquisa incluiu diretamente as crianças, seus desenhos, as representações do vírus, as narrativas sobre o período de isolamento, mudanças em sua rotina, sua mobilidade, seus espaços de

brincar e aprender. Muitas perdas ocorreram, mas os autores também observam o que as crianças criam e fertilizam com sua imaginação, que caminhos possíveis se mostram nas suas expressões, como narram suas experiências e esperanças. Sua proposta inspira a pensar a pesquisa com crianças como possibilidade de fazer ecoar a voz das infâncias diante de seu apagamento.

Ainda em espanhol, citamos o relatório *Infancia Confinada: ¿Cómo viven la situación de confinamiento niñas, niños y adolescentes?* de Martínez Muñoz; Rodríguez Pascual e Velásquez Crespo (2020). O trabalho também constitui um esforço em registrar vivências, falas e posicionamentos de crianças espanholas durante o fechamento de escolas e o confinamento. Todos esses trabalhos mostram como as crianças são perspicazes em fazer leituras do que está acontecendo em suas vidas e entendem que toda a sociedade está enfrentando um problema sério. Elas se sentem parte da experiência pandêmica, identificam de que maneiras são afetadas por esse contexto e, ao mesmo tempo, são propositivas e têm muito a contribuir para o nosso entendimento desse problema.

Nas produções em inglês, ressaltamos um número inteiro da revista *Children's Geographies*⁵, que apresenta pesquisas realizadas ao redor do mundo e, portanto, enriquece o olhar em relação a diferentes iniciativas e contextos de pesquisa. O editorial, de Cortes Morales et al (2021), apresenta a publicação como um esforço de reunir diferentes abordagens e experiências de pesquisa ao redor do mundo para entender particularidades e aspectos em comum nas experiências infantis nos distintos cenários da pandemia.

O texto atua como uma chamada para pesquisadores darem atenção a esse momento particular de reconfiguração das relações sociais, das mobilidades, da vida em coletivo em uma escala global. É fundamental o estabelecimento de uma rede de iniciativas que possam abordar o problema desde uma perspectiva transnacional, levando em consideração dimensões espaciais e temporais e destacando os aspectos relacionais e afetivos de uma ampla variedade de experiências e condições de vida das crianças que, em muitos casos, estão expostas a cenários de profunda desigualdade social e econômica entre países ou mesmo dentro das complexas realidades de cada país.

Aportes conceituais para os Estudos da Infância e o olhar crítico das Infâncias do Sul

Afirmar a presença de crianças na vida cotidiana significa voltar-nos para as suas múltiplas

⁵ Children living in pandemic times: a geographical, transnational and situated view. *Children's Geographies*. 2021.

elaborações a respeito de suas vidas e do mundo em que estão inseridas. Qual é o lugar das crianças no social? O que querem reivindicar as crianças e como elas poderão dizê-lo? Castro e Grisolia (2016) levantam uma importante discussão dentro dos direitos das crianças, ao questionarem a representação das demandas das crianças por parte dos adultos. Entendem que o estabelecimento de direitos universais das crianças, mesmo que necessários do ponto de vista da proteção, explicitam o problema da participação de crianças no cenário público. Significa questionar como a hegemonia discursiva do adulto em relação à criança se torna um aspecto que configura os processos de subjetivação na infância.

Colocado de outra forma, o fato de as crianças serem sujeitos de direito não garante que sejam sujeitos da fala nem que tenham direito à escuta. Discutir os direitos das crianças desde as práticas infantis é necessário e indica caminhos possíveis para a emergência da criança como sujeito, permitindo-nos pensar as infâncias e seu direito à escuta e não o direito à tutela.

A outrora incapacidade subsumida à infância dá lugar à exigência da presença desse novo interlocutor alçado à condição de sujeito que, como tal, é aquele que pode dizer de si, do que sente e deseja — ou seja, é a própria criança que está na condição de expressar o ponto de vista singular de sua experiência vivida (CASTRO; GRISOLIA, 2016. p. 975).

Isso configura uma relação de transmissão que não se sustenta no ideal de socialização da criança em que a referência é o adulto. Implica levar a cabo um giro ético nas posturas e buscar o exercício de reconhecer as epistemes infantis como ricas formas de entender e descrever o mundo e se relacionar com o social. Como é possível adotar uma perspectiva que posiciona as crianças como pessoas a serem ouvidas? Um possível caminho de lhes atribuir uma essência é pensar a infância desde os processos históricos e culturais que configuram e são configurados por suas vivências no mundo e afirmar a criança em sua capacidade de intervir na cultura não só assimilando-a, mas engajando-se em sua produção.

As perspectivas teóricas que nos orientam são referenciais contra-hegemônicos, que expressam uma postura crítica, ao afirmarem um olhar para os sentidos do pertencimento espacial, das trajetórias históricas de crianças e seus saberes, dores, experiências e esperanças. Pensar as infâncias e suas expressões situadas em processos históricos e políticos implica o cuidado de não se deixar levar por entendimentos generalizantes e reducionistas das experiências infantis, sobretudo quando se consideram as infâncias não hegemônicas, as experiências de crianças indígenas, crianças quilombolas, crianças que participam em movimentos sociais, por exemplo.

Ao se conceber uma diversidade de infâncias como um processo dado, sem trajetórias situadas, sem relatos e narrativas das próprias crianças, há uma contradição em curso, cujo resultado é uma

coisificação das infâncias (MELGAREJO, 2018).

Trata-se de um processo de exotização da diferença, que falha em perceber movimentos, ontologias, práticas situadas em espaços e tempos. Tal processo de subalternização se configura como um colonialismo epistêmico, que deve ser superado a partir do entendimento das relações espaço-temporais das crianças, situando suas narrativas e representações como expressões que emergem de processos históricos e políticos e que informam sobre os sentidos elaborados no trânsito da experiência e na memória como ato presente (MELGAREJO, 2018).

Coincidimos com esse referencial, portanto, na busca de uma prática de estudo com as infâncias e não sobre elas. As crianças não são um objeto do conhecimento adulto, mas são sujeitos de saber concreto e próprio sobre a vida. Sujeitos sociais e políticos, crianças com suas histórias, lugares e percursos no mundo. Desse referencial crítico emergem também possibilidades metodológicas orientadas pela prática do diálogo.

Nesse sentido, a pesquisa é tratada como uma relação social, como um encontro com os horizontes e experiências das crianças. Para conhecer experiências de pesquisa na América Latina que consideram esses princípios, recomendamos ver o trabalho *Infancias: Contextos de Acción, Interacción y Participación*, organizado por Gonzalez, Fernandes, Suarez e Corvalan (2020). A perspectiva de encontro com a alteridade infantil apresenta o desafio e a possibilidade de desenvolver dispositivos de investigação referenciados na participação das crianças, na construção coletiva do saber a partir da manifestação de suas apropriações e resistências frente ao mundo (MELGAREJO, 2018).

Para Liebel (2020), é importante pensar o exercício da cidadania na infância, as práticas das crianças, suas convivências e inserções nas dinâmicas complexas da sociedade como trabalho, violência, migração e vulnerabilidade social. O autor discute o que chama de infâncias pós-coloniais, termo que assume uma dupla proposição, seja no sentido de dar ênfase à análise de estruturas sociais e econômicas que impactam historicamente a condição de vida de crianças no sul global, seja para pensar a dominância de discursos que marginalizam as experiências e as vivências das crianças de partes não hegemônicas do planeta, bem como as abordagens teórico-metodológicas advindas de fora do centro.

É necessário pensar as Infâncias do Sul, ou Pedagogias do Sul, as experiências, os desafios e as alternativas próprias dessas infâncias, marcadas por aspectos históricos e sociais que não constituem as representações hegemônicas de infância, produzidas nos países do Norte e que incidem sobre todo o cenário de pesquisa com crianças. Não se trata de negar essas contribuições, mas, sim, de poder dialogar com tais referenciais a partir de produções próprias, mobilizadas e desenvolvidas em contextos distintos

de participação e inserção social e de profunda desigualdade e vulnerabilidade nas condições de vida de suas múltiplas infâncias. Torna-se necessário compreender os problemas dos países do sul global desde referenciais próprios, que possam se desenvolver a partir do diálogo com epistemes infantis e da pesquisa em contextos singulares de participação e vida cidadã das crianças (CASTRO, 2021).

Relações criança e meio. A teoria histórico-cultural de Vigotski e as elaborações da Geografia das Infâncias

Abordar o problema global da pandemia de Covid-19 desde a infância faz crucial o argumento teórico de que as crianças vivem de forma singular de acordo com suas diferentes experiências na cultura e no meio. Enquanto sujeitos sociais e políticos, elas estabelecem relações originais com o mundo. É relevante perguntar: que conexões emergem na relação do indivíduo com o meio e que recursos teóricos poderão nos ajudar a observar e identificar tais processos? Para responder essa pergunta, devemos seguir a nossa articulação entre diferentes campos científicos.

Ao pensar o desenvolvimento cultural da criança, Vigotski elaborou uma teoria da constituição social do ser humano. O desenvolvimento é um conjunto de processos dinâmicos e históricos que constituem a nossa experiência no mundo e são transformados por ela e não uma sucessão de etapas de maturação do corpo e do intelecto. Tal ideia vai além da compreensão de um corpo orgânico ou biológico que se projeta em um sentido linear de crescimento (VIGOSTKI, 2018; 2021).

Este ponto de vista é coerente com a base dialética do autor, que afirma o meio como uma categoria relacional, entendida não como dimensão em si mesma, externa e determinante, mas como aspecto fundamental da dialética do desenvolvimento. Diz o autor: “Precisamente, para uma compreensão correta do papel do meio no desenvolvimento da criança, é necessário investigá-lo não com parâmetros absolutos, mas relativos, se for possível assim se expressar” (VIGOTSKI, 2018, p. 74).

Essa passagem da quarta aula de Vigotski (2018) é fundamental para a compreensão de que o meio é determinante para o desenvolvimento da criança nunca em termos absolutos, mas sempre relativos. Os diferentes aspectos e características do meio não definem objetivamente a experiência da criança. Apenas podem ser considerados relevantes, quando se concebe uma relação dialética da criança com o meio. Isso permite dizer que: 1. O meio é dinâmico e assume significados particulares no processo de desenvolvimento de cada criança e 2. Ao longo do processo de desenvolvimento histórico de cada criança, sua relação com o meio também se transforma e ela passa a elaborar novos aspectos e

características dessa relação.

O seu entendimento é que a criança produz o meio, ou colocado de outra maneira, a relação da criança com o meio se configura como um processo histórico de transformações, uma trajetória em que emergem novos significados, que, por sua vez, transformam a relação da criança com o meio. Se a relação da criança com o meio não é determinante em termos absolutos, mas relativos, então se pode entender que essa relação é marcada por brechas, por aberturas, pela produção do novo.

Tendo em vista essas bases, Lopes (2013) nos coloca uma questão a ser refletida: como a perspectiva histórico-cultural pode ampliar a nossa compreensão sobre as espacialidades de crianças? A partir da compreensão de um todo complexo, de uma unidade constituída por particularidades do meio e da criança (LOPES; MELLO, 2015), a noção teórica de espacialidades infantis reconhece os lugares de onde as crianças falam e como elas constroem e elaboram suas relações com o mundo. As contribuições teóricas da Geografia da Infância inspiram uma busca pela escuta das crianças e nos provocam a pensar as infâncias sempre situadas no espaço e no tempo.

Metodologia – Quem são as crianças que participaram da pesquisa?

A presente investigação se articula em termos metodológicos à experiência de pesquisa desenvolvida inicialmente na Espanha e, em seguida, em outros países, pela Associação Enclave de Evaluación y Derechos Humanos⁶, que iniciou o projeto intitulado Infância Confinada⁷, com a intenção de entender o que pensam e sentem meninas, meninos e adolescentes sobre a questão do Covid-19.

No caso brasileiro, a pesquisa, de abordagem qualitativa, foi desenvolvida a partir do mesmo questionário espanhol adaptado à realidade brasileira, contendo 65 questões que variaram entre múltipla escolha, caixa de seleção, escala linear e resposta discursiva curta. A seleção dos participantes dessa etapa foi feita de forma voluntária, convidados a partir da circulação de um questionário *on-line*, via aplicativo de mensagens *Whatsapp*. O questionário apresenta perguntas sobre aspectos estruturais, emocionais, relacionais e sobre expectativas e desejos. A amostra inicial constituiu-se de 492 crianças, com 18 questionários excluídos por não concordarem com o termo de responsabilidade e participação.

⁶ <https://www.enclavedeevaluacion.com/>. Acesso em: 22 mai.2020.

⁷ https://www.infanciaconfinada.com. Acesso em: 22 mai.2020.

Resultados e análises: panorama geral

Este estudo foi realizado via questionário *Google Forms on-line*, com 474 crianças do Distrito Federal, em parte expressiva vivendo no Plano Piloto (23,7%) e na região do Gama (21,8%), enquanto 57,2% dos respondentes estão em outras regiões do DF. Em relação à identificação das crianças pesquisadas, 53,6% se identificam com o gênero feminino e 46,4% com o gênero masculino. Pouco mais da metade das crianças estuda na rede particular de ensino (54,4%) e os demais participantes em escola pública (45,6%). Dessas crianças, 98,1% cumpriram as atividades escolares de forma remota.

Grande parte dos respondentes pertence a uma região do DF com maior poder aquisitivo. Muitas crianças não relataram dificuldades de acesso às tecnologias, recorrendo, inclusive, a esse uso para amenizar os efeitos do sentimento de ócio causado pelo confinamento referente à pandemia de Coronavírus. No entanto, a pequena faixa de crianças que relatou não ter acesso às tecnologias se encontra, provavelmente, nas regiões de subúrbio do DF.

Em relação aos direitos das crianças, 66% dos respondentes reconhecem que possuem direitos enquanto crianças. No entanto, foi perceptível, nas respostas, que as crianças se dividiram quanto ao entendimento de que seus direitos estão ou não sendo garantidos. Entre as respostas, 31,6% não concordam nada que os direitos estejam sendo cumpridos de forma igualitária para todas as crianças. Aproximadamente 47% dos respondentes indicam que concordam em algum grau e, do total, apenas 15% das crianças concordam totalmente que os direitos de todas as crianças estejam sendo cumpridos. Quanto à pandemia, 74,1% delas concordam sobre a necessidade de estarem isoladas para não contrair o Coronavírus, o que aponta uma compreensão da gravidade da doença.

As crianças participantes apresentaram preocupações variadas em relação à vida financeira de suas famílias durante o confinamento. Aproximadamente 48% das crianças se preocupam com a possibilidade de a família empobrecer, devido a diferentes reflexos gerados pela pandemia. No entanto, quase 30% não se preocupam com essa possibilidade. Nesse segmento, 25,4% das famílias das crianças já sofreram com a pandemia e estão mais pobres. As dificuldades financeiras se apresentam como uma limitação imposta pela pandemia que afetou muitos trabalhadores e suas famílias. As crianças imersas nesse contexto também apresentam inquietações e sentimentos relacionados a essa situação. 42,6% das crianças não se preocupam se faltará comida na mesa e 21,9% declaram que se preocupam muito com a falta de comida em casa durante esse período.

Em se tratando do risco e vulnerabilidade da vida durante a pandemia, é unânime o sentimento de preocupação com a família entre as crianças. Acima de 90% delas responderam que tinham medo de a família adoecer ou morrer por conta do Coronavírus. Nesta lógica, 32,1% dos respondentes afirmaram que já tiveram algum caso de adoecimento e/ou morte por Coronavírus em casa. Dos respondentes, 50,2% estão muito preocupados com o isolamento e a solidão de seus avós.

As informações apresentadas até aqui são uma base para compreender melhor o contexto no qual essas crianças estão inseridas. A segunda análise, a seguir, abordará mais especificamente as questões que dizem sobre a socialização das crianças diante do contexto de pandemia.

Análises e reflexões a partir das expressões das crianças

As crianças retrataram que o fato de estarem confinadas, sem a liberdade de circular em ambientes externos, faz com que se sintam mais tristes. Importante destacar que os ambientes citados pelas crianças foram os da casa em que residem, relacionada ao confinamento; a escola, retratada na saudade que sentem; e o uso de aparelhos tecnológicos para estreitar laços e encontros sociais de forma virtual. Ficou perceptível que as crianças, em geral, expressaram um dilema entre *sair* e *ficar* em casa, demonstrando que compreendiam a necessidade de permanecer em isolamento, porém, com o desejo de retomar a sua liberdade para sair. A exemplo: *“sinto vontade de sair”*; *“gostaria de poder brincar na rua”*, encontrados com frequência ao longo do *corpus* textual.

Na análise das expressões, foi manifestada a importância dos amigos e do contato físico para as crianças participantes frente ao confinamento imposto pela pandemia do Coronavírus. Somos sujeitos sociais e este estudo evidenciou a necessidade do contato com outras pessoas (amigos e parentes) para o bem-estar dessas crianças. Muitas relataram que o confinamento gerou um sentimento de “prisão” que revelou reflexos de ansiedade e tédio, percebidos nas falas:

“Estar confinado me deixa em uma prisão”.

“Estar confinado é uma prisão.”

“A pior coisa do confinamento é a ansiedade”.

“Estar confinado gera ansiedade”.

“A pior coisa do confinamento é a ansiedade”.

“Estar confinado me deixa com tédio”.

Ao longo das respostas desta pesquisa, foi notória a importância dos jogos e brincadeiras *on-line* para o enfrentamento do ócio gerado pela quarentena e como distração frente à nova rotina estabelecida. Foram recorrentes as respostas citando o uso dos videogames, computadores e celulares para a realização de suas brincadeiras. Possivelmente, devido ao isolamento social, esses instrumentos tecnológicos foram os recursos viáveis para compor o cenário lúdico dos momentos de lazer das crianças. Outro destaque nas respostas foi o uso do verbo **jogar**, referindo-se ao fato de as crianças não poderem jogar e interagir presencialmente, evidenciado nas falas:

“Meu sonho é jogar futebol com meus amigos do prédio ou viajar com meus pais”.

“O que me deixa triste é o fato de querer jogar futebol com os meus amigos”.

“O que me deixa triste é não poder jogar bola na quadra”.

“O que me deixa triste é não poder ir pra escola nem jogar na quadra aqui do prédio”.

As últimas três falas citadas remetem ao tema “o que me deixa triste”, demonstrando o quanto o contato físico com os amigos influencia no sentimento de alegria das crianças. Na análise das respostas às questões discursivas, as crianças retrataram que o fato de estarem confinadas, sem a liberdade de circular em ambientes externos, faz que eles se sintam mais tristes e, por muitas vezes, entediados. No entanto, de acordo com as respostas, demonstraram compreender a gravidade do contexto de pandemia atual.

Muitas crianças citaram o quanto sentem falta dos amigos da escola e como conversar com os amigos utilizando as mídias sociais tem ajudado a escapar ou a ludibriar o sentimento de aprisionamento. Entre as principais alegrias citadas durante o período de confinamento, jogar; brincar e conversar com os amigos; ficar com a família foram as de maior destaque. As crianças deste estudo demonstraram, em suas respostas, se posicionar a favor do isolamento, mesmo que isso tenha gerado um contexto de incertezas e insegurança em seus lares. Relataram o medo do adoecimento de seus avós, pais e parentes próximos.

As crianças expressam uma série de negativas para a nova rotina com a pandemia do coronavírus, a exemplo das sentenças a seguir: *não encontrar; não sair; não ir; não abraçar*, além da

recorrência das respostas *não sei*, ou não sabe explicar, o que pode indicar uma perspectiva de dúvida e incerteza perante a situação vivenciada. A palavra **família** aparece frequentemente ao longo das respostas, destacando a importância do núcleo familiar, seja como segurança, presença e/ou preocupação. Nas respostas, ficou demonstrado o quanto as crianças se sentem felizes na presença da família e o quanto se preocupam com a saúde e o bem-estar de seus familiares, quando relacionado ao risco de contaminação, como é possível identificar nas falas a seguir:

“A melhor coisa do confinamento são os amigos e a família”.

“O meu medo é minha família morrer”.

“O meu medo é pegar covid ou alguém da minha família”.

“Corona, não infecta a minha família”.

“O que me deixa triste é a distância e a saudade da minha família e amigos”.

A pesquisa mostra um panorama da rotina de crianças em diferentes contextos, com sonhos, desejos, dificuldades e, principalmente, realidades muito diferentes, comprovados por falas que vão desde *“retornar as viagens à Disney”* até *“fico preocupado com a minha mãe que sai para trabalhar todos os dias”*. A partir das respostas obtidas, foi possível verificar a relação das crianças com a nova rotina, a falta do ambiente escolar e o descontentamento das crianças com a educação à distância. Relato este recorrente: *“acabem com as aulas on-line!”*. Em suas falas ficou visível o papel da escola, educadores e a necessidade de se desenvolver e se adequar ao novo panorama tecnológico e não replicar um modelo tradicional de forma virtual. As crianças estão cansadas e sentem falta da vida presencial na escola, seja em função da saudade dos amigos, como também da rotina escolar.

“CANCELEM AS AULAS ONLINE NINGUÉM AGUENTA MAIS!”

“VOLTAR AULAS AQUI NO BRASIL URGENTE, PENSAR MAIS NAS CRIANÇAS”.

“ESTUDOS VIRTUAIS SÃO FRACOS”.

Considerações finais

Neste estudo, foi possível observar o sentimento de solidariedade das crianças em relação às suas famílias, amigos e demais pessoas. Muitos sentem empatia para com os que mais sofrem neste contexto de pandemia. Esse cenário fica claro, quando as crianças relataram a necessidade de se manter em casa, respeitar as medidas de higiene, o uso de máscaras e manter o distanciamento e o isolamento, para que a pandemia não se agrave e prejudique ainda mais pessoas, inclusive a sua própria família.

De modo geral, os resultados aqui apresentados sugerem que as crianças estão empenhadas em executar suas atividades escolares de forma remota; mantendo o contato de forma virtual com seus amigos; evitando o contato direto com seus avós, mesmo demonstrando uma preocupação com a solidão que possam sentir. Os dados demonstraram o sentimento de tristeza e medo da morte que as crianças estão enfrentando frente às incertezas dessa doença.

Também foi possível verificar o pedido de muitas crianças por políticas eficientes no combate a esta pandemia, pedindo pela cura e pela retomada de suas atividades rotineiras. As crianças esperam poder realizar seus sonhos em um futuro próximo e declaram que o fim da pandemia é o passo inicial para retornar ao percurso para alcançá-los. Essa reflexão indica diversos caminhos a percorrer em pesquisas futuras, como estarão os novos hábitos, vivências e perspectivas dessas crianças, principalmente após o confinamento e seus reflexos na convivência familiar, no rendimento escolar, em sua saúde física e mental.

É importante que se desenvolvam futuras pesquisas sobre os reflexos causados pela pandemia de coronavírus na rotina de crianças. Para tal ressalta-se a necessidade de uma escuta sensível dessas crianças não só por demonstrarem inseguranças e medos frente a este panorama atual, mas por serem agentes protagonistas deste cenário, que possuem desejos, sonhos e preocupações com o futuro do território em que vivem. Nesse sentido, tornam-se necessárias novas investigações sobre as temáticas aqui abordadas com crianças. Entendemos os limites do artigo, marcados sobretudo em função das dificuldades criadas pelas brechas digitais, que reduzem e impossibilitam a participação de crianças sem acesso à internet e às tecnologias de comunicação. Seguiremos construindo experiências de pesquisa que incluam a voz das crianças em condições vulneráveis.

Com o avanço de novas tecnologias, acesso a múltiplas plataformas e novas compreensões, percepções e experiências sobre as relações criança e pandemia, torna-se imprescindível o conhecimento e a investigação sobre as características do isolamento social das crianças brasileiras. A pandemia não chegou ao fim e muito ainda precisa ser debatido e registrado sobre seus efeitos em

crianças. Fica a perspectiva de retomada do cotidiano e possíveis novos hábitos e caminhos que as crianças irão seguir. Que o sentimento da maioria das crianças, seja neste estudo ou no estudo de Martínez Muñoz (2020), se concretize e o pedido da maioria dessas crianças se realize: “*Que tudo acabe logo! Que tudo passe!*”

Referências

CASTRO, Lucia Rabelo de. Teorizar sobre a infância desde uma perspectiva descolonial. In: CASTRO, Lucia Rabelo (org.). **Infâncias do sul global: experiências, pesquisa e teoria desde a Argentina e o Brasil**. Salvador: EDUFBA, 2021.

CASTRO, Lucia Rabelo de; GRISOLIA, Felipe Salvador. Subjetivação pública ou socialização política? Sobre as articulações entre o político e a infância. **Educação & Sociedade** [online], Campinas, v. 37, n. 137, p. 971-988, 2016. Acesso em: 20 jan. 2022.

CORTES-MORALES, Susana *et. al.* Children living in pandemic times: a geographical, transnational and situated view. **Children's Geographies**, 2021.

GONZÁLEZ, Martín Plascencia; FERNANDES, Maria Lidia Bueno; SUAREZ, Mathusalam Pantevis; CORVALAN, Facundo (Orgs.). **Infancia: contextos de acción, interacción y participación**. 1. ed. Tuxtla Gutiérrez, México: Universidad Autónoma de Chiapas: Editora Universidade de Brasília: Editorial Universidad Surcolombi, 2020.

LIEBEL, Manfred. **Decolonizing Childhoods**. Bristol UP, 2020.

LOPES, Jader Janer Moreira. A natureza geográfica do desenvolvimento Humano: diálogos com a teoria histórico-cultural. In: TUNES, Elizabeth (Org.). **O fio tenso que une a psicologia à educação**. Brasília: UniCEUB, 2013.

LOPES, Jader Janer Moreira; MELLO, Marisol Barenco de; BEZERRA, Amélia Cristina Alves. Traçando mapas: a teoria histórico-cultural e as contribuições para a pesquisa com crianças e suas espacialidades **Fractal: Revista de Psicologia** [online], v. 27, n. 1, p. 28-32, 2015. Acesso em: 8 ago. 2021.

MARTINEZ MUÑOZ, Marta; RODRIGUEZ PASCUAL, Ivan; VELÁSQUEZ CRESPO, GABRIELA. **Infancia confinada: ¿Cómo viven la situación de confinamiento niñas, niños y adolescentes?** Madrid: Infancia Confinada y Enclave de Evaluación, 2020.

MELEL XOJOBAL A. C. **¿Cómo viven las niñas, niños y adolescentes de San Cristóbal de Las Casas, Chiapas la pandemia del Coronavirus?** San Cristóbal de Las Casas, Chiapas: Melel Xojobal A. C., Desarrollo Educativo Sueniños A. C., Tierra Roja Cuxtitali Centro Comunitario A. C., 2020.

MELGAREJO, Patricia Medina. “La escuela de Manuela”: infancias y memoria: zonas de experiencia y cronotopos en contextos de movilización social. **Educação em Foco**, [S. l.], v. 23, n. 3, p. 677–704, 2018. DOI: 10.34019/2447-5246.2018.v23.20097. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/edufoco/article/view/20097>. Acesso em: 31 jan. 2022

MELGAREJO, Patricia Medina; LINARES, Roberto Sanchez. **Infancias, voces y esperanzas ante el**

confinamiento del Covid-19 en México. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021.

OPAS. **COVID-19 E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL:** avaliando a crise de olho na recuperação. Brasília, 2021

SILVA, Isabel de Oliveira; LUZ, Iza Rodrigues da; CARVALHO, Levindo Dias. **Infância e pandemia na Região Metropolitana de Belo Horizonte:** primeiras análises. Belo Horizonte: UFMG/FAE/NEPEI, 2021.

Disponível em: <https://www.infanciaemtemposdepandemia.com.br>. Acesso em: 10 jan. 2022

TEBET, Gabriela; ABRAMOWICZ, Anete; LOPES, Jader: A make-believe confinement for Brazilian young children in the COVID-19 pandemic. **Children's Geographies.** 2021.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. Quarta aula. O problema do meio na pedologia. *In*: PRESTES, Zoia; TUNES, Elizabeth (Orgs.). **7 Aulas de L. S. Vigotski sobre os fundamentos da pedologia.** Rio de Janeiro: E-Papers, 1935/2018.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Psicologia, educação e desenvolvimento:** Escritos de L. S. Vigotski. PRESTES, Zoia; TUNES, Elizabeth (Orgs.). São Paulo: Expressão Popular, 2021.